

TCC/UNICAMP
L542a



1290003120

THAÍS DE CAMARGO LEME

**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLA PARTICULAR
REGULAR DE CAMPINAS COM INCLUSÃO DE CRIANÇAS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS: PARTICIPAÇÃO
SATISFATÓRIA?**

CAMPINAS
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

THAÍS DE CAMARGO LEME

**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLA PARTICULAR
REGULAR DE CAMPINAS COM INCLUSÃO DE CRIANÇAS
COM NECESSIDADES ESPECIAIS: PARTICIPAÇÃO
SATISFATÓRIA?**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual de
Campinas para conclusão do Curso de
Especialização Atividade Motora Adaptada.

Orientador: José Luiz Rodrigues

CAMPINAS
2006

Banca Examinadora

Autora: Thaís de Camargo Leme

Título: Aulas de Educação Física em Escola Particular Regular de Campinas com Inclusão de Crianças com Necessidades Especiais: Participação Satisfatória?

Instituição: Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Data: 31/03/2006

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Rodrigues

Titular: Prof. Dr. Paulo Ferreira de Araújo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo.

Ao meu marido Marcelo por investir em mim seus recursos, seu tempo e sua vida.

Aos meus amados pais Celso e Paulette pelo legado. A meu grande irmão Thiago pelo carinho.

Ao querido professor e orientador José Luiz Rodrigues pela dedicação, paciência e serenidade pela qual conduziu essa etapa decisiva.

MEU ETERNO AGRADECIMENTO A VOCÊS!

LEME, Thaís de C. **Aulas de Educação Física em Escola Particular Regular de Campinas com Inclusão de Crianças com Necessidades Especiais: Participação Satisfatória?**. 2006. 41f. Monografia (Especialização em Atividades Motoras Adaptadas) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RESUMO

Embora a educação inclusiva esteja visando o desenvolvimento de uma educação adequada para alunos com necessidades especiais na escola regular, assim como, um ambiente apropriado para os demais alunos e professores inseridos neste mesmo contexto, é importante identificar aspectos que vem contribuindo ou dificultando a participação de alunos com necessidades especiais nessas aulas de Educação Física. Por meio de uma pesquisa qualitativa, utilizando-se de recursos de observação e questionário, coletamos dados de alunos com necessidades especiais e de professores de Educação Física com objetivo de analisar aspectos que pudessem facilitar ou dificultar a inclusão desses nas aulas de Educação Física.

O roteiro de observação dos alunos, bem como do questionário aos professores, garantiram a busca de importantes temas para discussões, que associadas a uma revisão da literatura, nos possibilitou fazer algumas considerações, apontando entre outros aspectos, que todos ganham com a inclusão e que todos deverão estar preparados para tal, alunos com necessidades especiais, ou simplesmente alunos.

Palavras Chaves: Inclusão; Inclusão Escolar; Educação Física / Inclusão; Participação.

SUMÁRIO

1. 0. Introdução.....	06
2. 0. Breve Revisão de Conceitos e Reflexões.....	08
2. 1. Educação.....	08
2. 2. Educação Física e Educação Física Escolar.....	08
2. 3. Inclusão Social.....	10
2. 4. Educação Física Inclusiva.....	11
2. 5. Participação Integrada / Interação / Motivação.....	11
2. 6. Preconceito X Inclusão.....	12
2. 7. Escola Inclusiva.....	13
2. 8. O Profissional de Educação Física no Processo Inclusivo.....	14
3. 0. A Pesquisa.....	15
3. 1. Método e Natureza da Pesquisa.....	15
3. 2. Escolha e Descrição da Escola.....	16
3. 3. Caracterização dos Alunos.....	17
3. 4. Entendendo o Roteiro de Observação.....	18
3. 5. Entendendo o Relato dos Professores.....	21
3. 6. Análise e Discussão dos Dados.....	22
Considerações Finais.....	28
Referências Bibliográficas.....	31
Anexos.....	34

1 – INTRODUÇÃO

Inclusão tem sido o assunto do momento no Brasil. Ouve-se falar em inclusão em diversos segmentos da sociedade, tais como: inclusão social, inclusão digital, inclusão escolar, entre outros.

Dentro desse processo de mudança social, de hábitos, de conceitos e de quebra de paradigmas, observa-se a necessidade do ser humano em adaptar-se com o novo e respeitar as diferenças considerando que todos nós possuímos algum tipo de ‘necessidade especial’.

Quando falamos de inclusão escolar, mesmo que em um ambiente infantil, falamos de necessidade de adaptação e de respeito às diferenças, discurso esse que deve transpor a retórica e partir para a prática. É, portanto, necessário respeitar o indivíduo como um todo e criar propostas, estratégias e alternativas para que a inclusão seja bem-sucedida e que a participação de todos os alunos nas aulas seja efetiva e satisfatória.

As considerações obtidas pela literatura, por Mollar (2001) e Alves (2003) entre outros, e nossa experiência como professora de Educação Física, nos credenciam apontar para alguns desencontros quando se fala de inclusão. Assim sendo, nos parece pertinente tentar melhor entender um pouco dessa realidade vivida.

Diante disso, o propósito deste trabalho é verificar dentro das aulas de Educação Física de uma escola particular de Campinas que tem inclusão de crianças especiais em seu quadro, aspectos que facilitam ou dificultam a participação de crianças especiais na aula de Educação Física regular.

Queremos notificar dentro desta instituição regular, se a possibilidade de dar às crianças especiais condições de vivência com os demais colegas e acompanhamento das propostas educacionais, e de interação com o mundo estão sendo alcançadas de uma forma real, considerando que na teoria da inclusão é, em muitos casos, muito diferente da prática.

Para tal, utilizamos de uma pesquisa qualitativa observando alunos com necessidades especiais em aulas de Educação Física e ouvimos professores da referida disciplina por meio de questionário, que tiveram como suporte roteiro semi-estruturado para as duas situações.

Como base teórica para desenvolvimento desta pesquisa, realizamos uma breve

revisão bibliográfica que compreende conceitos e reflexões de alguns assuntos, tais como: Educação, Educação Física, Educação Física Escolar, Inclusão social, Inclusão nas aulas de Educação Física e Escola Inclusiva.

A escola inclusiva também foi citada pela necessidade de adequar-se a uma nova realidade para poder ser eficaz e efetiva no processo inclusivo.

Tabelas foram utilizadas para apresentarmos os dados colhidos na pesquisa de campo e, sucessivamente, a apresentação reflexiva dos resultados obtidos.

As considerações finais tiveram como sustentação teórica a revisão da literatura, possibilitando discussão e avaliação dos dados coletados por meio da observação e do questionário.

2 – BREVE REFLEXÃO DE CONCEITOS E REFLEXÕES

2.1 - EDUCAÇÃO

Neste capítulo, iremos tratar da Educação Física Escolar como tema central, porém, seria difícil iniciar esse assunto sem previamente conceituar de uma forma geral a Educação e sua finalidade.

Tomando como base para esse conceito, podemos citar a Brasil (1996): “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Esse conceito, original e amplo, pode ser complementado com o artigo 205 de Brasil (1988) que diz:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Podemos verificar através dos conceitos citados anteriormente, que é dever do Estado oportunizar a educação, ou seja, acesso incondicional à educação para todos os indivíduos e assegurar o desenvolvimento do ser humano visando sempre sua melhoria e qualificação.

2.2 – EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Conforme pudemos constatar em Castellani Filho (2001) e Darido (2003), a inclusão da Educação Física no Brasil deu-se apenas no século XIX.

A Educação Física sofre influência militar desde sua formação com a vinda da família real pro Brasil e criação de Escola Militar. Em 1882, após reforma, inicia-se a

obrigatoriedade da ginástica nas escolas baseada em métodos Europeus.

O modelo militar juntamente com a ginástica visava selecionar indivíduos com vigor, sadios e perfeitos para auxílio nas indústrias e para a nação. Nesta época, pessoas que não tinham o padrão exigido pela sociedade eram excluídas.

Assim, após várias reformas, a Educação Física passa então a ter como foco central a saúde e hábitos de higiene a homens e famílias. Com isso, valorizava-se a prática de exercício para auxílio no desenvolvimento do físico e a melhora da moral pública. Houve também grande influência médica neste período.

Em meados de 1946 e sob influência de educadores da época, a Educação Física passou a ser vista como um meio de Educação, como uma disciplina pedagógica. Mas isso foi reprimido pela ditadura militar da época e a Educação Física passa a tomar outro rumo...

À medida que pessoas participavam e passavam a ter êxito em competições de alto nível, o ensino da Educação Física passou a focar o rendimento máximo, influenciando os indivíduos a buscar de produtividade, força física e prestígio moral.

Com esse quadro geral, a Educação Física passou a ser excludente, pois pessoas que não tinham interesses competitivos e ou esteriótipo adequado para esportes, passaram a não mais ver a Educação Física como um uma prática prazerosa.

Atualmente, sugere-se que a Escola e a Educação Física devam:

[...] desenvolver programas que levem os educandos a importância de se adotar um estilo de vida saudável, fazendo com que a atividade física direcionada à promoção da saúde torne-se componente habitual no cotidiano das pessoas. [...] propiciar aos educandos não apenas situações que os tornem crianças e jovens ativos fisicamente, mas, sobretudo, que os conduzam a optarem por um estilo de vida saudável ao longo de toda a vida. (GUEDES, 1999, p. 02)

Neste sentido, os trabalhos e a aprendizagem sobre a saúde podem também ser desenvolvidos nas aulas de Educação Física a partir da realidade e das necessidades da comunidade, e atividades propostas pelos professores podem ser estruturadas com base no contexto no qual está inserida aquela população. Inclusive, pode-se fazer neste âmbito uma junção de saúde, cultura, aspectos sociais e cognitivos.

Assim, fala-se de hábitos saudáveis, qualidade de vida e acesso às aulas de Educação Física para qualquer aluno, seja ela uma criança sem problemas cognitivos, com

problemas mentais, obesas ou atletas. Desta maneira, faz-se da escola um espaço inclusivo.

A partir daí, cabe ao profissional da área agir com sensibilidade e discernimento, respeitando cada criança como um ser pensante, com características pessoais únicas e exclusivas.

Para complementar o pensamento acima,

[...] ele é o grande facilitador que deve ensinar os conhecimentos específicos da sua disciplina, tendo também o papel de transmitir de forma consciente ou não, os valores e normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade. Além disso, o professor é mediador para que a relação entre crianças normais e portadoras de deficiência ocorra com sucesso. (PALLA, 2001, apud MOLLAR, 2001, p. 19)

2.3 - INCLUSÃO SOCIAL

Romeu K. Sasaki (1997 apud MOLLAR, 2001, p. 05) conceitua como inclusão:

[...] o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Falar em Inclusão social, é crer que todos nós somos diferentes e temos o mesmo direito de exercer cidadania. É aceitar as diferenças e reconhecer que todos temos algum tipo de 'deficiência', de incapacidade...É partir do princípio que todos nós somos 'desabilitados' para executar determinadas tarefas que são extremamente simples para um outro indivíduo qualquer. É aceitar que a diversidade humana torna-se cada vez mais normal do que exceção.

Exercer inclusão social é respeitar o desempenho de cada indivíduo independentemente de suas vantagens ou desvantagens funcionais ou de expectativas sociais pré-estabelecidas.

2.4 – EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

Segundo Hegarty (apud RODRIGUES, 2005) “o desenvolvimento de uma educação apropriada e de alta qualidade para alunos com necessidades especiais na escola regular” é o que se define por educação inclusiva.

A Educação inclusiva é, portanto, não apenas um modelo de prestação de serviços, mas também, a quebra de paradigmas, mudança de atitudes, de conceitos e hábitos.

2.5 - PARTICIPAÇÃO INTEGRADA / INTERAÇÃO / MOTIVAÇÃO

Conforme Gil (2006),

As palavras "integrado" e "integração" derivam do latim "integrare" que vem do adjetivo "integer", que originalmente significa intacto, não tocado, sem mácula, são, virgem, inteiro, completo. Portanto, a palavra "integração", neste sentido, deve ser interpretada como alguma coisa de original e natural, sendo a "segregação" (o estado de não-integração) algo anormal, construído, artificial.

A partir do ponto de vista de Gil (2006), salientamos que “a heterogeneidade, característica presente em qualquer grupo humano, passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula”.

Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertórios, de visão de mundo, bem como os confrontos e a ajuda mútua, e a conseqüente ampliação das capacidades individuais. Qualquer espécie de desconforto diminui ou desaparece quando há convivência entre pessoas deficientes ou não.

A motivação também passa a ser uma aliada nesse percurso, pois a partir do momento que respeita-se as características pessoais e as limitações de cada indivíduo, gera-se uma resposta positiva muitas vezes involuntária. Assim, a motivação passa a ser um estímulo pessoal”.

2. 6 – PRECONCEITO X INCLUSÃO

O preconceito ainda existe na questão da inclusão. Isso é fato!

O que queremos abordar aqui não é a questão do preconceito sob o ponto de vista discriminatório, e sim, sob o ponto de vista cultural que passa por um processo de reestruturação e mudança. Mudança de pensamentos, hábitos, comportamentos...

É a partir do reconhecimento e da aceitação de nossos preconceitos e desconfianças, que estamos aptos a mudar nosso comportamento e a aceitar que o objeto destes sentimentos é uma pessoa como nós. Começaremos a identificar os pontos comuns entre nós e não mais a acentuar as diferenças.

Poderemos, também, identificar o que nos une e constatar que nossa essência é a mesma, que somos seres humanos, cuja diversidade proporciona riqueza de conhecimentos, com possibilidade de intercâmbio de vivências e situações de aprendizagem.

Gil (2006) salienta,

[...] Não subestime as possibilidades, nem superestime as dificuldades e vice-versa. [...] Não faça de conta que a deficiência não existe. Se você se relacionar com uma pessoa deficiente como se ela não tivesse uma deficiência, você vai estar ignorando uma característica muito importante dela. Dessa forma, você não estará se relacionando com ela, mas com outra pessoa, uma que você inventou, que não é real.

"Nós não devemos deixar que as incapacidades das pessoas nos impossibilitem de reconhecer as suas habilidades. As características mais importantes das crianças e jovens com deficiência são as suas habilidades" (HALLAHAN, KAUFFMAN, 1994, apud GIL, 2006).

2. 7 - ESCOLA INCLUSIVA

Sob a ótica de Alves (2003, p. 16),

Incluir quer dizer que podemos deixar pertencer, adaptando-os em todos os aspectos, mostrando-os o que fazer, para que e com quem utilizar seu corpo fazendo-o aprender através de atividades não só específicas, mas transformadas e adaptadas.

Seria simples definir que escola inclusiva é apenas a transferência de alunos de escolas especiais para a escola regular. Mas, definitivamente não é somente isso...

Para a escola regular ser inclusiva, ela deve sofrer um processo de remodelagem e reestruturação organizacional no qual torne essa escola regular capaz de atender crianças especiais. Estrutura esta, que vai desde um ambiente planejado e local arquitetonicamente apropriado para as mesmas, como espaço de atividades, disposição de mobília, materiais e instrumentos apropriados/adaptados, leis de apoio, mudança de comportamentos, entre outros aspectos que são fundamentais para uma educação de qualidade.

Rodrigues (2005) salienta que “A escola inclusiva procura responder de forma apropriada e com alta qualidade, não só à deficiência mas a todas as formas de diferenças dos alunos (culturais, étnicas, etc.). ”

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiências e crianças com superdotação; crianças de rua e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos ou zonas, desfavorecidas ou marginalizadas. (BRASIL, 1994, p. 21 e 22)

Desta maneira, Werneck (1997, p. 58) conclui dizendo:

Quando o processo de inclusão na escola é bem conduzido, as pesquisas mostram que os benefícios são amplos: amizades se desenvolvem, estudantes sem deficiência aprendem a apreciar as diferenças e aqueles com deficiência se tornam mais motivados. A comunidade ganha.

2. 8 - O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROCESSO INCLUSIVO

A construção de uma nova Educação Física não envolve apenas a necessidade de reavaliar conceitos, objetivos, perspectivas e atividades. Outro ponto fundamental [...] é torná-la mais democrática e menos excludente. [...] Garantir a participação de todos é, portanto, uma preocupação que deve nortear o planejamento. (PALLA, 2001 apud MOLLAR, 2001, p. 22)

“Inclusão tem sido a palavra de ordem nas escolas. A idéia é integrar alunos

especiais. O problema, que ainda persiste, é o preparo profissional dos professores, a fim de que possam oferecer a atenção também especial que estas crianças merecem”. (STOCLER, FELICE apud ALVES, 2003, p. 41)

Concluindo, o autor aponta que há uma preocupação na preparação de todos os profissionais que irão receber e trabalhar essa criança portadora de necessidades especiais. É muito importante capacitar os professores, que são o auxílio direto da criança dentro da sala de aula, mas é importante também, que a toda a equipe de funcionários esteja devidamente qualificada para exercer tal relação, considerando que esta criança terá liberdade em todas as áreas comuns desta instituição.

Já que a instituição apóia em seu meio, a inserção de crianças portadoras de necessidades especiais, deve-se haver uma preocupação por parte da mesma no preparo destes profissionais, considerando que muitos desconhecem o assunto, nem todos que tiveram acesso a uma universidade, e os que tiveram acesso, muitas vezes não tiveram disciplinas que abordassem o assunto como parte do currículo.

Por sua vez, o MEC também deveria fornecer cursos específicos de capacitação profissional a professores e afins.

Alves (2003, p. 40) conclui dizendo “(...) o que resta, o que falta é preparar a escola e o educador para incluir nela e em sua concepção o aluno especial. ”

3 – A PESQUISA

3.1 – MÉTODO E NATUREZA DA PESQUISA

A referida pesquisa foi realizada em uma escola particular da cidade de Campinas, onde foram observados quatro alunos com necessidades especiais durante quatro aulas de Educação Física, e ouvidos dois professores em forma de questionário, conforme roteiro semi estruturado pré estabelecido (Anexo 1).

Apoiando-se em Thomas, Nelson (2000) como referencial metodológico, este trabalho tangencia aspectos da pesquisa qualitativa e pesquisa descritiva, tendo em vista apresentar como instrumento de coleta de dados a observação e o questionário.

Como referencial teórico, com objetivo de explicitar alguns aspectos que julgamos importantes e para dar sustentação às nossas discussões e considerações, realizamos uma breve revisão de literatura sobre o tema proposto.

Foi elaborado um roteiro de observação (Anexo 2) de forma a dar maior consistência nessa fase do estudo, tendo como preocupação alguns requisitos:

- ✓ Mínimo de quatro presenças em aulas de Educação Física.
- ✓ Observação dos referidos alunos, levando-se em conta que eles apresentam Síndrome de Down e Deficiência Física.
- ✓ Garantia da observação nos locais previamente estabelecidos para as aulas de Educação Física.
- ✓ Observação contemplando duas situações:
 1. Atitudes do aluno em condições de deficiência em relação ao grupo de colegas de classe e professor.
 2. Atitudes do grupo de colegas de classe e professor em relação ao aluno em condições de deficiência.
- ✓ Observação de atividades propostas e conteúdo (adaptados ou não), verificando alguns comportamentos desses alunos no que se refere:
 1. Participação nas aulas. (aspectos positivos e negativos)

2. Motivação dos alunos no decorrer das atividades.
3. Satisfação após término das aulas.

Posteriormente, foi elaborado também um roteiro semi-estruturado para relato dos dois professores de Educação Física (Anexo 3) envolvidos na pesquisa com objetivo de melhor avaliar alguns aspectos, tais como:

- ✓ A questão da experiência desse profissional em relação a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais, da motivação dos alunos em aula, do preparo dos profissionais que trabalham com inclusão e alguns aspectos que envolvem participação, preparo de aula, adaptação de materiais, etc.

3. 2 – ESCOLHA E DESCRIÇÃO DA ESCOLA

Após várias tentativas de busca frustradas para realização de nossa pesquisa em algumas escolas da cidade de Campinas, encontramos uma que gentilmente nos abriu suas portas.

Primeiramente, houve contato com a responsável pelo referido colégio, que prontamente aceitou a proposta de realização de nossa pesquisa em sua instituição. Elaboramos para tal, uma carta (Anexo 1) solicitando oficialmente consentimento por parte da direção do colégio para a realização da pesquisa proposta.

É importante salientar, principalmente levando-se em conta aspectos éticos, que juntamente com a carta (Anexo 1), a direção da instituição em questão recebeu os anexos 2 e 3 que contém respectivamente o roteiro de observação dos alunos e o questionário para relato dos professores, e a garantia do necessário sigilo quanto ao nome da escola, professores e alunos. Em se tratando de aspectos éticos, o referido estudo foi aprovado pela comissão de ética da UNICAMP.

A escola escolhida é uma instituição particular de ensino, cujos segmentos atingem alunos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Apresenta em seu quadro alunos com necessidades especiais.

As aulas de Educação Física seguem planejamento dos professores e a instituição disponibiliza para essas aulas a utilização de quadra coberta, quadra descoberta, campo de futebol e piscina.

3.3 – CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

Os quatro alunos com necessidades especiais observadas estudam na Educação Infantil e Ensino Fundamental desta Instituição. A seguir algumas características dos referidos alunos:

- ALUNO 1
Sexo feminino, 04 anos de idade, frequenta Infantil I. Apresenta Síndrome de Down. Não apresenta dificuldade para locomoção e tem nível mental que a permite compreender e atender algumas ordens e comandos.
- ALUNO 2
Sexo masculino, 05 anos de idade, frequenta Infantil II. Apresenta Síndrome de Down. Não apresenta dificuldade para locomoção e tem nível mental que o permite compreender e atender algumas ordens e comandos. Tem dificuldade de comunicação através da fala.
- ALUNO 3
Sexo feminino, 21 anos de idade, frequenta 6ª. Série do Ensino Fundamental. Apresenta Síndrome de Down. Não apresenta dificuldade para locomoção e tem bom nível mental que a permite compreender e atender ordens e comandos.
- ALUNO 4
Sexo feminino, 12 anos de idade, frequenta 6ª. Série do Ensino Fundamental. Apresenta necessidades físicas especiais. Apresenta dificuldade para locomoção e para tal faz uso de órtese. Tem nível mental totalmente preservado.

3.4 – ENTENDENDO O ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Com base no modelo apresentado por Salerno (2003), faremos análise dos referidos itens relacionando-os aos elementos apresentados no Anexo 2 (Roteiro de

Observação), pontuando de maneira mais precisa o que cada item efetivamente representa.

Local de Observação: Local onde as atividades das aulas de Educação Física foram ministradas.

- ✓ Conteúdo: Conteúdo que estava sendo ministrado no dia observado.
- ✓ Tempo Observado: Tempo de observação geralmente foi de 45 minutos, que é o tempo de duração da aula.
- ✓ Tipos de Atividades:
 - Livre (L): Atividades oferecidas pelo professor e cabe ao aluno optar por executar aquela que mais lhe agrada.
 - Dirigida (D): Atividade proposta e dirigida pelo professor. Neste caso, o aluno não tem outra opção de atividade a não ser aquela a ser executada por todos os demais alunos da classe.
 - Ambas: Há proposta de atividade dirigida num primeiro momento, e também atividade livre durante mesma aula.
 - Coletiva (Col): Atividade realizada em grupo.
 - Individual (I): Atividade na qual o aluno pode executá-la sem auxílio ou presença dos demais colegas.
 - Ambas: Mais de uma atividade realizada em aula podendo, cada qual, oferecer um caráter diferenciado.
 - Cooperativa (Coo): Atividades que focam ajuda mútua dos alunos para realização da mesma.
 - Competitiva (Com): Atividades na qual há disputa entre alunos/pessoas e tem como resultado a vitória e a derrota.
 - Ambas: Há na mesma aula atividades competitivas e cooperativas.
- ✓ Participação do Aluno com Necessidades Educativas Especiais:
 - Não Participação: aluno fica fora das atividades propostas em aula.
 - Fora do grupo (FG): Não executa a atividade junto com o grupo. Executa-a mas fora do grupo.

- Dentro do grupo (DG): Executa com o grupo a mesma atividade proposta pelo professor para todos os alunos.
- Espontânea (Esp): participação por vontade própria.
- Orientada (Orient): O professor que o faz de alguma forma participar da aula.
- ✓ Motivação do aluno com Necessidades Educativas Especiais no desenvolvimento das atividades propostas:
 - Desmotivado: Executa a atividade sem vontade nenhuma
 - Pouco motivado: Executa a atividade com pouca vontade
 - Motivado: Executa a atividade com vontade
 - Muito Motivado: Executa a atividade com muita vontade
- ✓ Satisfação do aluno após término da aula
Insatisfeito / Satisfeito / Muito Satisfeito
- ✓ Aluno Observado em relação ao grupo durante aula e Grupo em relação ao aluno observado durante a aula
 - Proximidade Física (Prox. Fís): Proximidade dos alunos
 - Verbalização (Verb): presença de comunicação verbal durante atividade
 - Não Verbalização (Não Verb): ausência de comunicação verbal durante atividade
 - Interação com objetos (Int Obj): Uso de material pelo aluno através de atividades que utilizam os mesmos.
 - Interação Física (Int Fís): Contato físico através de Interação entre alunos durante aula.
 - Auxílio / Ajuda (Auxílio): Ocorrência de ajuda dos próprios colegas quando há proposta do professor para realização de alguma atividade e o aluno com necessidades educativas especiais não compreende ou não executa a tarefa.
 - Incentivo à ação (Incentivo): Os próprios colegas incentivam a criança com necessidades educativas especiais a prática da atividade proposta pelo professor.
 - Agem pelo aluno observado (Agem): Quando algum colega de classe age pelas

crianças portadora de necessidades educativas especiais se esta não entendeu a atividade ou até não quis realizá-la por algum motivo.

- Outros: Espaço para alguma outra ação não descrita anteriormente
- ✓ Relação do aluno observado com o professor
 - Proximidade Física (Prox Fís): Aluno com necessidades educativas especiais fica próximo do professor um algum momento durante aula.
 - Sem Proximidade (Sem Prox): Aluno com necessidades educativas especiais não se aproxima do professor em momento algum da aula.
 - Afeto (Afeto): Aluno demonstra afeto / carinho pelo professor durante aula.
- ✓ Relação do professor com o aluno observado.
 - Proximidade Física (Prox Fís) : Professor fica próximo do aluno com necessidades educativas especiais um algum momento da aula.
 - Auxílio se necessário (Auxílio): Professor auxilia aluno com necessidades educativas especiais na execução de atividade proposta se este aluno sentir dificuldades.
 - Incentivo à prática (Incentivo): Professor incentiva a criança com necessidades educativas especiais a prática da atividade proposta por ele.
 - Afeto(Afeto): Professor demonstra afeto / carinho pelo aluno durante aula.
- ✓ Aspectos Observados pelo Pesquisador que facilitaram a participação do aluno observado na aula.
 - Este item deixa a critério do observador descrever (caso haja) aspectos que ele sentiu durante a aula que facilitaram a participação do aluno com necessidades educativas especiais naquela aula.
- ✓ Aspectos Observados pelo Pesquisador que dificultaram a participação do aluno observado na aula.
 - Este item deixa a critério do observador descrever (caso haja) aspectos que ele sentiu durante a aula que dificultaram a participação do aluno com necessidades educativas especiais naquela aula.
- ✓ Necessidade de adaptação de atividade proposta em aula: Sim ou Não

- ✓ Em caso positivo, a adaptação foi feita: Sim ou Não
- ✓ Necessidade de adaptação de material: Sim ou Não
- ✓ Em caso positivo, a adaptação foi feita: Sim ou Não
- ✓ Outras Observações: Espaço aberto para observador mencionar algo que não foi abordado em nenhum dos tópicos acima.

3.5 – ENTENDENDO O RELATO DOS PROFESSORES

Para relato dos professores de Educação Física da instituição em questão e que trabalham com inclusão, foi elaborado um questionário semi-estruturado, no qual os profissionais foram instruídos a estar colaborando com a pesquisa da forma mais natural possível e voluntária.

Roteiro de perguntas apresentado aos professores:

- ✓ Você já havia trabalhado anteriormente com inclusão de crianças especiais em suas aulas de Educação Física?
- ✓ Você se prepara para trabalhar com inclusão de crianças especiais?
- ✓ No seu ponto de vista, é necessário adaptação das aulas e materiais para as classes com inclusão?
- ✓ Você tem encontrado dificuldade para propor atividades que favoreçam tanto alunos regulares quanto alunos especiais de uma mesma sala?
- ✓ Você considera a experiência da inclusão satisfatória:
 - Para a pessoa com deficiência?
 - Para os demais alunos?
- ✓ Você nota que a motivação para realizar as aulas de Educação Física dos alunos de uma classe sem crianças especiais é a mesma motivação que dos alunos de uma classe com inclusão de crianças especiais?
- ✓ Quais aspectos dificultam a participação integrada dos alunos com necessidades

- especiais nas aulas de Educação Física?
- ✓Quais aspectos facilitam a participação integrada dos alunos com necessidades especiais nas aulas de Educação Física?
 - ✓Na sua opinião, a obrigatoriedade da inclusão é um fator relevante para o desenvolvimento dos alunos? Em que aspectos?
 - ✓Gostaria de deixar alguma observação?

3. 6– ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O quadro a seguir (Tabela 1) demonstra os resultados obtidos por ocasião das observações realizadas durante quatro aulas: tipo de aula ministrada, nível de participação, satisfação do aluno, relação professor/aluno, entre outros.

Tabela 1- Atividades propostas e participação

ATIVIDADES/ ALUNOS	AULAS	LOCAL	ATIVIDADE	CONTEUDO	ATIV. PROPOSTAS	PARTICIPAÇÃO	MOTIVAÇÃO	SATISFAÇÃO APOS AULA	ALUNO-OBS / GRUPO	GRUPO / ALUNO OBS	RELAÇÃO ALUNO / PROF	RELAÇÃO PROF / ALUNO	ASPECTOS FACILITARAM PARTIC	ASPECTOS DIFICULTARAM PARTIC	NECESSIDADE ADAPTAR AULA	NECESSIDADE ADAPTAR MATL	OBSERVAÇÕES
ALUNO 1	1a	P	D/I/Coo	Brinc	passeio + bricad	DG/Or	Mot	Sat	Int Fis	Verb	Afeto	Afeto	--	--	Não	Não	--
	2a	P	D/C/Coo	Brinc	brinc variada	Não partic	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	Probl. ouvido
	3a	QC	D/C/Coo	Out	dança fim ano	DG/Or	Mot	Sat	Int Fis	Verb	Prox. fisica	Incentivo prática	--	--	Não	Não	--
	4a	QC	D/C/Coo	Out	dança fim ano	DG/Or	Pouco Mot	Sat	Int Fis	Int Fis	Prox. fisica	Incentivo+ Afeto	--	--	Não	Não	--
ALUNO 2	1a	P	L	Out	Ativ. livre	DG/Esp	Muito Mot	Muito Sat	Verb+Int Fis	ProxF/IntF/ /Verb/Auxílio	Prox Fisica	Prox Física	Atividade Livre	--	Não	Não	--
	2a	P	L/D	Brinc	Bric diversas	Não partic	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	Não trouxe mtl
	3a	QC	D/C/Coo	Out	Dança fim ano	DG/Or	Mot	Sat	Int Fis	Int Fis	Prox Física	Incentivo	Música apropriada	--	Não	Não	--
	4a	QC	D/C/Coo	Out	Dança fim ano	Não partic	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	Ja viajar dia festa
ALUNO 3	1a	QE/ CFut	L/D Col/Com	Jog/ Esp	Ativ livre/ treinam.	Não partic	--	--	--	--	Afeto	Prox fisica/afeto	Opção atividades	--	Sim. Houve 2 tipos ativ.	Não	Chegou atrasada
	2a	CFut	D/C/Com	Esp	Futebol	Não partic	--	--	--	--	Prox Fisica	Auxílio / afeto	--	Só Esporte	Sim. Não realizada	Não	Não part p/ opção
	3a	QC	D/C/Com	Esp	Handball	Não partic	--	--	--	--	--	--	--	Só Esporte	--	--	Entre ckasses
	4a	P	L/C/Com	Esp	Natação livre	Não partic	--	--	--	--	--	--	Atividade livre	--	--	--	Não trouxe mtl
	5a	P	L	Esp	Natação	Part 1/2 aula	Mot	Sat	Verb	Verb	Prox Fisica	Proximidade + Incentivo +afeto	--	Poucas meninas na água	Não	Não	Não esteve longe da piscina

Cont.

Tabela 1- Atividades propostas e participação

ATIVIDADES/ ALUNOS	AULAS	LOCAL	ATIVIDADE	CONTEUDO	ATIV. PROPOSTAS	PARTICIPAÇÃO	MOTIVAÇÃO	SATISFAÇÃO APOS AULA	ALUNO OBS / GRUPO	GRUPO / ALUNO OBS	RELAÇÃO ALUNO / PROF	RELAÇÃO PROF / ALUNO	ASPECTOS FACILITARAM	ASPECTOS DIFICULTARAM	NECESSIDADE ADAPTAR AULA	NECESSIDADE ADAPTAR MATL	OBSERVAÇÕES
ALUNO 4	1a	CFut	D/C/Com	Esp	Futebol	Não partic	-	-	-	-	Prox Física	Auxílio / afeto	-	Só Esporte	Sim: Não realizada	Não	Não part p/ opção
	2a	QC	D/C/Com	Esp	Handball	Não partic	-	-	-	-	-	-	-	Só Esporte	-	-	Entre classes
	3a	QC	D/C/Com	Esp	Handball	Não partic	-	-	-	-	-	-	-	Só Esporte	-	-	Entre classes
	4a	P	L/C/Com	Lsp	Natação livre	Não partic	-	-	-	-	-	-	Atividade livre	Usa órtese	-	-	Assistiu da arqui bancada Não participa aulas de natação com solicitação da mãe.
	5a	P	L/C/Com	Esp	Natação livre	Não partic	-	-	-	-	-	-	Atividade livre	Faz uso de órtese	-	-	Assistiu da arqui bancada

J - P-Piscina; QC-Quadra Coberta; CFut-Campo Futebol; QE-Quadra Externa; 2 - D-Dirigida; L-Livre; J-Individual; C-Coletiva; Com-Cooperativa; 3 -- Brine-Brincadeira; Out - Outros; Jog - Jogos; Esp - Esporte; 4 - DG-Dentro Grupo; Or-Orientada; Não partic-Não Participou; 5 - Verb-Verbalização; Int Fis-Interação Física

Referente aos dados colhidos na Tabela 1 e através de observação das aulas de Educação Física desta instituição, é possível afirmar que esse processo de inclusão desenvolve nas crianças ‘normais’ uma capacidade maior de conhecer, aceitar e respeitar as diferenças, e que, de uma forma geral, as crianças reconhecem as necessidades dos colegas especiais e sentem-se encorajados a ajudá-los e apoiá-los quando isso se faz necessário.

A criança especial também é muito beneficiada com esse contato, porque aprende desde cedo a participar de ambientes integrados, e assim, tem oportunidade de partilhar de experiências de vida e de aprendizagem. Normalmente as crianças especiais apresentam motivação ao realizar as aulas de Educação Física com os demais colegas, assim como, sentem-se satisfeitos após o término da aula.

Gostaríamos de ressaltar que vários aspectos contribuem a participação integrada das crianças especiais nas aulas de Educação Física, entretanto, neste quesito o professor teve, na maioria das vezes, êxito ao propor algumas atividades que não geravam competição entre as crianças. Esse dado pode ser considerado para as crianças especiais de todas as séries.

De acordo com o relato dos dois professores abordados nesta pesquisa, os dois já haviam trabalhado anteriormente com inclusão, sendo que um deles já havia tido contato com crianças especiais em seu estágio para conclusão do curso universitário. Atualmente, os dois professores afirmaram estar preparados para lecionar em classes com inclusão de crianças especiais.

Eles relataram que não encontram dificuldade para propor atividades que favoreçam todos os alunos, e que na medida do possível, seguem o cronograma. Apontaram a necessidade de algumas vezes adaptar aulas e materiais para atingir todos os alunos, porém, foi citado por um deles que nem tudo é adaptável. O professor necessita diante deste quadro ter sensibilidade para mudar, criar e administrar essa situação sem causar constrangimento a ninguém.

Ambos consideram satisfatória a experiência de incluir alunos especiais em escolas regulares e acreditam que essa experiência tem favorecido todos os alunos, pois desenvolvem-se cidadania e valores sociais.

Entendem os professores que a motivação das crianças para executar as aulas de Educação Física é a mesma, independentemente da classe ter ou não crianças especiais. Um deles foi até um pouco além, citando que independentemente das turmas, há sempre crianças mais motivadas e mais prestativas que outras. Isso são características pessoais.

Os dois professores consideram que a cooperação dos alunos é um aspecto facilitador para a participação integrada de todos os alunos em sala, contudo um dos professores enfatiza que a boa vontade do professor e dos alunos também é muito relevante nesse processo de inclusão.

O provimento de recursos como materiais, espaços adequados, etc, também são aspectos que definitivamente facilitam no processo inclusivo.

Foram abordados vários aspectos que dificultam a participação integrada nesse processo inclusivo.

Um deles é que propostas de atividades esportivas foram evitadas pelas crianças por exigir desempenho e apresentar caráter de rendimento pessoal.

O quesito participação nas aulas de Educação Física foi um dos fatores negativos mais surpreendentes de nossa pesquisa. Pudemos observar nesta instituição que a frequência das crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física é muito baixa, e isso se dá por fatores já apontados no campo 'observações' da Tabela 1.

Além das crianças portadoras de necessidades especiais, pudemos observar que alguns alunos que não possuem tais necessidades também não participam das aulas de Educação Física. Desconhecemos os motivos por eles alegados, mas é notável a flexibilidade por parte da Instituição na participação dos alunos nas aulas de Educação Física, podendo possivelmente gerar nos alunos falta de objetividade e compromisso com esta disciplina.

Outro fator foi citado por um profissional que relatou que as próprias condições física, motora e cognitiva de algumas crianças podem levá-las frustrações impedindo-as de participar das aulas posteriormente. Portanto, é importante neste caso, evitar situações que possam provocar qualquer tipo de embaraço, ou o constrangimento dessas crianças. Outro aspecto muito importante citado por eles que dificulta o desenvolvimento dessas aulas é o fato de trabalharem sozinhos em classes com média 25-30 alunos + o aluno portador de necessidades

especiais. Um professor enfatizou a necessidade de contratação de mais um profissional para apoio durante aulas de Educação Física, considerando que além dos 25-30 alunos que já se tem normalmente, há crianças especiais neste meio que normalmente tem algum tipo de comprometimento (físico, cognitivo...) que demanda mais cuidado e atenção por parte do professor.

Um dos professores envolvidos nesta pesquisa citou a seguinte frase:

“A obrigatoriedade da inclusão é sim um fator relevante porque crianças especiais vivem num mundo normal onde deve-se ver a vida como ela é. Mundo real não é mundo paralelo”.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme sugere nosso tema, tendo como suporte a revisão da literatura e após colher e analisar dados na realização desse trabalho, fica evidente que a educação deve satisfazer as necessidades de todos, sempre respeitando as diferenças, habilidades e peculiaridades individuais.

[...] Não subestime as possibilidades, nem superestime as dificuldades e vice-versa. [...] Não faça de conta que a deficiência não existe. Se você se relacionar com uma pessoa deficiente como se ela não tivesse uma deficiência, você vai estar ignorando uma característica muito importante dela. Dessa forma, você não estará se relacionando com ela, mas com outra pessoa, uma que você inventou, que não é real. (GIL, 2006)

Assim, a inclusão de crianças especiais em escolas regulares pode beneficiar tanto essas crianças especiais quanto seus colegas de classe. Considera-se, portanto, importante observar e valorizar a real necessidade de cada criança, levando-se em consideração que todas as crianças tem alguma necessidade especial.

Conceitua-se como inclusão, portanto:

[...] o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI, 1997 apud MOLLAR, 2001, p. 05)

E tem sido assim...

As crianças em condição de deficiência têm assumido um papel importante diante desse processo inclusivo e também dos companheiros, que por sua vez, também tem aprendido a conviver com o novo e respeitar características alheias. Desta maneira, quando há participação efetiva de crianças especiais dentro da aula de Educação Física e quando as aulas propostas são adequadas para todas as crianças, os dados apontam para uma participação e motivação satisfatória durante ou após o período de aula. A interação e o aspecto afetivo também são fatores positivos e relevantes neste processo.

A obrigatoriedade da inclusão é um fator positivo para todos os alunos, partindo-se do princípio da troca de experiências, da conquista de valores emocionais e morais, do respeito às diferenças, etc. Porém, partindo-se do princípio acadêmico/escolar, que se a instituição que está disposta a receber esta criança com necessidades especiais não estiver devidamente preparada, essa obrigatoriedade e a experiência da inclusão será um fator traumático na vida dessas crianças.

Para melhor concluir esse comentário, achamos interessante citar Werneck (1997, p. 58):

Quando o processo de inclusão na escola é bem conduzido, as pesquisas mostram que os benefícios são amplos: amizades se desenvolvem, estudantes sem deficiência aprendem a apreciar as diferenças e aqueles com deficiência se tornam mais motivados. A comunidade ganha.

A escola deve ser o canal de acesso de crianças para a igualdade e oportunidade, porém, é necessário que haja mudanças física, estrutural e conceitual por parte das instituições dispostas a incluir.

Conforme salienta Rodrigues (2005) revisão de literatura: “[...] a educação inclusiva recusa a segregação e pretende que a escola não seja só universal no acesso, mas também no sucesso”.

Somente desta maneira a educação de qualidade será levada a todas as crianças, sendo elas ‘especiais’ ou não.

Freire (1997 apud ALVES, 2003, p. 60) pode concluir nosso trabalho com a seguinte citação: “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo que historicamente mulheres e homens descobriram que era possível ensinar”.

Acreditamos que as instituições que estão à frente desse projeto chamado Inclusão, além de receber esses alunos e apoiar esse projeto, como sugestão devem:

- ✓ Fornecer treinamento para informar, preparar e atualizar seus profissionais. (Todas as áreas, não somente professores)
- ✓ Fornecer equipe multidisciplinar especializada para acompanhar essas crianças especiais e as demais crianças da instituição.
- ✓ Fornecer aos funcionários informação, equipamento e material necessário para um trabalho de qualidade.

- ✓ Fornecer todas as mudanças necessárias no ambiente físico.
- ✓ Possuir professores auxiliares em sala de aula e nas aulas de Educação Física, assegurando assim, segurança e condições de aprendizagem para todos.

5 -REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fátima. **Incursão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio**. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

ASSUMPÇÃO, Jr; Francisco B.; SPROVIERI, Maria H. **Introdução ao Estudo da Deficiência Mental**. São Paulo: MEMNON, 2000.

BLOCK, Martin E. **Um guia de Professor para Incluir Alunos Portadores de Deficiência Física na Educação Física Regular**. 2. ed. Baltimore: Paul H. Brookes. In: Inglês, 2000. Apostila fornecida no Simpósio SESC de Atividade Física Adaptada realizado no SESC da cidade de São Carlos em 2005.

BRASIL. Constituição, 1988. Artigo 205. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.htm>. Acesso em: 11/01/2006.

_____. Ministério da Educação. **Deficiência Física**. Caderno da TV Escola – Educação Especial. 1998. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000351.pdf>>. Acesso em: 11/01/2006.

_____. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Artigo 22. Brasília. Disponível em: <www.educacaoonline.pro.br>. Acesso em: 11/01/2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Declaração de Salamanca. **Saberes e práticas da inclusão: Recomendações para a Construção de Escolas Inclusivas**. Brasília. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/recomendacoes.pdf>>. Acesso em: 18/01/2006.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil – A história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1991.

DARIDO, Suraya C. **Educação Física na Escola: Questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FERREIRA, Ana Isabel de F.; MANTOAN, Maria Tereza E. (org); RODRIGUES, José L.; Essas crianças tão especiais: **Manual para Solicitação do Desenvolvimento de Crianças Portadoras da Síndrome de Down**. Brasília: Corde, 1993.

GUEDES, Dartagnam P. **Educação** para a Saúde Mediante Programas de Educação Física Escolar. In: **Revista Motriz**. Rio Claro, São Paulo, v. 5, no. 1, junho, 1999. Disponível em: <www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/5n1.htm>. Acesso em: 12/06/2006.

GIL, Marta. **Espaços de Inclusão**. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/cronograma2003/index1.htm>>. Acesso em: 12/01/2006.

KOKUBUN, Eduardo; MANOEL, Edison de J.; PROENÇA, José Elias de; TANI, Go. **Educação Física Escolar: Fundamentos de uma Abordagem Desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MOLLAR, Thaís H. **A atuação do professor de Educação Física em Escola do Ensino Regular Perante o processo de Inclusão**. 2001. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MRECH, Leny M. **O que é Educação Inclusiva?** Disponível em: <www.inclusao.com.br>. Acesso em: 16/01/2006.

REZENDE, Juliana Borges de. **Estudo Comparativo de Três Instrumentos para a Avaliação da Motivação em Educação Física**. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RODRIGUES, David. **Educação Física Perante a Educação Inclusiva: Reflexões conceituais e metodológicas**. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inicio.htm>>. Acesso em: 05/08/2005.

SALERNO, Maria B. **Tem Amigo Novo na Escola**. 2003. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SIMÃO, Flávia. **Inclusão: Nível de Informação dos Professores de Educação Física, Atuantes no Ensino Regular em Escolas Estaduais da Zona Norte da Cidade de São Paulo**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Atividade Motora Adaptada)-Faculdade de Educação

Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K. **Método de Pesquisa em Atividade Física**. Trad. Ricardo Petersen. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais é bonzinho, na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

6 – ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Campinas, de de 2005.

À Direção

Projeto de pesquisa: *Aulas de Educação Física em escola particular regular de Campinas com inclusão de crianças com necessidades especiais: participação satisfatória?*

Eu, Profa. Thaís de Camargo Leme, aluna regularmente matriculada no Curso de Especialização Atividade Física Adaptada da Universidade Estadual de Campinas, solicito por meio desta pedir autorização para realizar coleta de dados junto a esta instituição para a elaboração de meu trabalho de conclusão de curso.

Este estudo insere-se na área de Inclusão, adaptação e motivação de crianças portadoras de necessidades especiais nas aulas de Educação Física de escola regular de ensino.

Este trabalho visa verificar e analisar aspectos que facilitam ou dificultam a participação dos alunos com necessidades especiais nas aulas de Educação Física de escola regular de ensino, assim como, coletar experiências dos professores de Educação Física inseridos neste contexto.

A pesquisa será observacional e não interferirá na rotina das aulas de Educação Física, pois não haverá intervenção direta junto aos alunos. Os professores de Educação Física que trabalham com inclusão participarão voluntariamente deste processo fornecendo dados através de uma entrevista semi-estruturada previamente aprovada pela Instituição de Ensino, conscientes que os dados de suas respostas serão posteriormente utilizados pelo pesquisador.

Esclareço que os dados da Instituição não serão divulgados nesta pesquisa e assumo o compromisso de resguardar privacidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Desde já agradeço pela colaboração.

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Luiz Rodrigues Thaís de Camargo Leme Maria Conceição de Melo
Orientador do projeto Pesquisadora Diretora

Para eventuais dúvidas e esclarecimentos, favor contatar:
Thaís de Camargo Leme- Fone: 19 3243-3135
Para eventuais denúncias, favor contatar:

Comitê de Ética em Pesquisa - 3788-8936

PARTICIPAÇÃO

Dentro do Grupo Fora do Grupo Não Participou

Espontânea Orientado Outros

Observação: _____

MOTIVAÇÃO DO ALUNO NO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PROPOSTAS

Desmotivado Pouco Motivado

Motivado Muito Motivado

Observação: _____

SATISFAÇÃO DO ALUNO APÓS TÉRMINO DA AULA

Insatisfeito Satisfeito Muito Satisfeito

Observação: _____

ALUNO OBSERVADO EM RELAÇÃO AO GRUPO DURANTE A AULA

Proximidade Física Verbalização Não-Verbalização

Interação com objetos Interação Física

Observação: _____

GRUPO EM RELAÇÃO AO ALUNO OBSERVADO DURANTE A AULA

Proximidade Física Verbalização Não-Verbalização

Interação Física Auxílio / Ajuda Incentivo à Ação

Agem pelo aluno observado Outros

Observação: _____

RELAÇÃO DO ALUNO OBSERVADO COM O PROFESSOR

Proximidade Física Sem proximidade Afeto

Observação: _____

RELAÇÃO DO PROFESSOR COM O ALUNO OBSERVADO

Proximidade Física Auxílio se necessário

Incentivo à prática Afeto

Observação: _____

ASPECTOS OBSERVADOS PELO PESQUISADOR QUE FACILITARAM A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO OBSERVADO NA AULA

ASPECTOS OBSERVADOS PELO PESQUISADOR QUE DIFICULTARAM A PARTICIPAÇÃO DO ALUNO OBSERVADO NA AULA

NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO DE ATIVIDADE PROPOSTA EM AULA SIM NÃO
EM CASO POSITIVO, A ADAPTAÇÃO FOI FEITA

SIM NÃO

Observação: _____

NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO DE MATERIAL SIM NÃO
EM CASO POSITIVO, A ADAPTAÇÃO FOI FEITA SIM NÃO

Observação: _____

OUTRAS OBSERVAÇÕES

ANEXO 3 – Roteiro Semi Estruturado para Relato dos Professores

1) Você já havia trabalhado anteriormente com inclusão de crianças especiais em suas aulas de Educação Física?

R. _____

2) Você se prepara para trabalhar com inclusão de crianças especiais?

R. _____

3) No seu ponto de vista, é necessário adaptação das aulas e materiais para as classes com inclusão?

R. _____

4) Você tem encontrado dificuldade para propor atividades que favoreçam tanto alunos regulares quanto alunos especiais de uma mesma sala?

R. _____

5) Você considera a experiência da inclusão satisfatória:

- Para o deficiente?
- Para os demais alunos?

R. _____

6) Você nota que a motivação para realizar as aulas de Educação Física dos alunos de uma classe sem crianças especiais é a mesma motivação que dos alunos de uma classe com inclusão de crianças especiais?

R. _____

7) Quais aspectos dificultam a participação integrada dos alunos com necessidades especiais nas aulas de Educação Física?

R. _____

8) Quais aspectos facilitam a participação integrada dos alunos com necessidades especiais nas aulas de Educação Física?

R. _____

9) Na sua opinião, a obrigatoriedade da inclusão é um fator relevante para o desenvolvimento dos alunos? Em que aspectos?

R. _____

10) Gostaria de deixar alguma observação?
